



Contra os intelectuais orgânicos: a historiografia dos 1980

Rodrigo de Miranda Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)

rodrigo.miranda.1925@hotmail.com

Introdução

O presente trabalho, desenvolvido para apreciação no salão de Iniciação Científica, versa sobre história da historiografia. Especificamente, aquela historiografia produzida no Rio Grande do Sul durante a década de oitenta do século XX, que teve por objetivo estabelecer um rompimento com a tradição historicista dos intelectuais agrupados em torno do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul durante a primeira metade do século XX, e possuía um caráter mais “desmistificador” da historiografia elaborada pelos intelectuais do IHGRGS do que a pretensão de ser propriamente propositiva (Rodrigues; Nedel 2005:165-66). O fio condutor deste trabalho é refletir acerca do ofício do(a) historiador(a) em um novo *lugar social* chamado universidade.

Objetivos

O objetivo geral é salientar a importância da apreensão metodológica das categorias gramscinianas de análise para a historiografia dos anos de 1980, através dos livros e textos das autoras Ieda Gutfriend, Marlene Medaglia Almeida e Sandra Pesavento. A partir disso, pretende-se trabalhar hipóteses sobre como o conceito de *intelectual orgânico* proporcionou a uma geração de historiadoras a possibilidade de, em um dado momento histórico de afirmação da academia enquanto lugar de produção “científica” de conhecimento e no contexto do final da ditadura civil-militar brasileira (o chamado período de “abertura”), romper com toda uma tradição de historiadores comprometidos (ao menos esta é a tese das autoras) com determinados interesses políticos da classe dominante.

Metodologia

O primeiro passo dado para realização desta pesquisa foi a leitura (e por vezes fichamento) dos artigos publicados na RIHGRS (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul) entre o período de 1921 e 1935, visto que foram fontes da tese de Gutfriend, de parte dos trabalhos de Pesavento nos anos 1980 e da dissertação de Almeida.

Para o desenvolvimento do trabalho, fez-se necessário tomar contato com as obras *Os intelectuais e a organização da cultura* e *Concepção dialética da história* de Gramsci. Tal empreendimento foi providencial para compreender como e por que da utilização de seus conceitos enquanto ferramentas teóricas para a historiografia do período. O se passo foi identificar, na produção acadêmica das autoras tomadas como objeto de pesquisa, os contextos nos quais se fez referência ao conceito de intelectual orgânico e anali-

sar quais os objetivos de se associar a imagem e a produção intelectual dos historiadores da primeira república e das primeiras décadas do século vinte à categoria gramsciniana que dá título à apresentação.



“A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como é o caso nos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários” [...]. Os intelectuais são os comissários do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político” (GRAMSCI, 1985 pp. 10-1. O grifo é meu).

Resultados parciais

A hipótese prévia é que as inovações metodológicas unidas ao advento dos cursos de pós-graduação em história (e conseqüentemente a profissionalização e “institucionalização” do fazer história dentro do ambiente acadêmico, em oposição a formação intelectual não-especializada dos historiadores das quatro primeiras décadas do século XX) teriam proporcionado uma espécie de estatuto de neutralidade axiológica discursiva na produção acadêmica das autoras em nível de suas pesquisas. Para além da hipótese sugerida, caba salientar o “pioneirismo” das autoras: através da “deslegitimação” da maior parte da história já escrita no Rio Grande do Sul afirmando certos aspectos ideológicos, abriu-se um campo enorme de pesquisa para a historiografia científica universitária: a história do estado ainda estava por ser escrita. Creio, no entanto, existirem muitos aspectos que poderiam ser desenvolvidos através deste objeto de pesquisa. Dentre eles, uma suposta neutralidade axiológica presente nos discursos das autoras analisadas e a conseqüente função “salvacionista” que a história pode passar a assumir se for tratada enquanto redentora dos pecados da classe dominante, e o historiador o agente “que luta pela transformação da sociedade”, como sugeriu Pesavento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marlene M. Introdução ao estudo da historiografia sul-rio-grandense: inovações e recorrências do discurso oficial [1920-1935]. IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983.
- GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 5ª Ed. 1985.
- GUTFRIEND, Ieda. A historiografia rio-grandense. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- NEDEL, Letícia; RODRIGUES, Mara Cristina de M. Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul. In: Revista Ágora; Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 161-186, jan./jun. 2005.
- PESAVENTO, Sandra J. “Historiografia e ideologia”. In: DACANAL, José H. (org.); GONZAGA, Sergius (org.). RS: Cultura e Ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980 (a), p. 60-88.